

Era necessário que a crise que o mundo hoje atravessa atingisse a sua primeira fase para que o romance histórico, sob a forma de biografias romanceadas, reaparecesse como um género literário de grande sucesso. Desanimados e pessimistas, alguns dos escritores mais notáveis do nosso tempo viraram-se para o passado, para esquecerem as agruras do tempo presente, de que confessam não poderem tirar uma profunda inspiração para as suas obras. Mas não foi o romance histórico que resolveram tentar; optaram antes pelas bio-

grafias romanceadas, que tem o mérito de dispensar o conhecimento e a divulgação *perigosa* da história da sociedade, e podem escrever-se a partir da noção de «personalidades geniais».

A biografia romanceada do nosso tempo é, a maior parte das vezes, a pura e simples escamoteação da história. E' que a história é hoje, para muitos homens, a medida de tôdas as coisas, a grande julgadora, a denunciante de certos confusos e mal esclarecidos privilégios que ainda tentam justificar-se com o passado.



O grande movimento neo-realista que hoje se desenvolve por todo o mundo não veio só trazer novas perspectivas e novas possibilidades ao romance histórico; veio reabilitá-lo. Não podia haver autêntico romance histórico sem uma «teoria da história». O romance histórico do passado tinha a pobreza do conceito de história que implicitamente reflectia. Hoje, a história já não é uma navegação sem bússola, já se não acredita que os factos tenham sido como os nossos sentimentos os entrevêm; conhece-se o subsolo da história; — descobriram-se as leis do desenvolvimento histórico. Êste acontecimento,

que é da mais alta importância, explica muita coisa. Mostra, por exemplo, as razões porque uns temem a história como julgadora implacável e outros procuram nela precisamente os fundamentos da sua posição.

O neo-realismo transforma todo o romance em romance histórico. O romance que tem por objecto o passado não se distingue do romance que tem por objecto o presente, porque o objecto do romance é sempre a realidade social. Com o neo-realismo, o romance é hoje o que um escritor do século XIX queria que êle fôsse: «um espelho que se passava ao longo de um caminho».

R. S.